

CARNEIRO ZACHARIADHES, Grimaldo. *Os jesuítas e o apostolado social durante a ditadura militar. A atuação do CEAS*. 2<sup>a</sup> edição revisada e ampliada. Salvador. EDUFBA, 2010. 221 pp.

### *CEAS: uma bela história de resistência democrática*

Nos últimos anos de década de 1960 e na primeira metade dos anos 1970, a sociedade brasileira viveu tempos sombrios, de exacerbação do estado de exceção, instaurado em 1964 e radicalizado a partir de dezembro de 1968, com a edição do Ato Institucional nº 5, o AI-5, que permaneceria em vigência durante longos 10 anos.

A ditadura civil-militar parecia então todo-poderosa, destinada a durar indefinidamente. As oposições legais, consentidas e encolhidas, articuladas no Movimento Democrático Brasileiro/MDB, suscitavam pouco entusiasmo, o que se traduzira num altíssimo índice de votos nulos e brancos nas eleições realizadas em 1970. As alternativas revolucionárias, preconizando a luta armada, cedo seriam desarticuladas e dizimadas, seus militantes mortos, torturados, assassinados, presos ou exilados. Tempos de chumbo.

Ao mesmo tempo, a prosperidade econômica – o chamado milagre brasileiro –, apesar de provocar extremas desigualdades sociais e regionais, abria horizontes que entusiasmavam não poucos. O pleno emprego, as oportunidades que surgiam, a mobilidade social e geográfica, aliados às conquistas esportivas – o tri-campeonato mundial conquistado no México, em 1970 e mais os inéditos campeonatos na Fórmula 1 –, articulavam adesões ou, no mínimo, indiferença em todos os que alcançavam patamares considerados estimulantes. Tudo isto convergiu, afinal, para os festejos do Sesquicentenário da Independência do país, em 1972, quando festas cívicas e esportivas mobilizaram grandes parcelas da população. Tempos de ouro.

De chumbo para uns, ou de ouro para muitos, eram tempos de silêncio para as oposições, sendo apenas permitidos os elogios e a celebração do regime vigente. Para as críticas, mesmo tímidas, consideradas “contestatórias”, reservava-se a dura repressão.

Encontrar brechas nestes muros de intolerância e indiferença exigia iniciativa, coragem e perseverança.

Foram qualidades, e virtudes, raras então, que não faltaram a um grupo de jesuítas e leigos que se dispuseram a fundar o Centro de Estudos e Ação Social/CEAS na cidade de Salvador, Bahia.

Corria o ano de 1969, apenas pouco tempo depois da edição do sinistro AI-5, e já começavam a circular os Cadernos do CEAS.

De início, apenas mimeografados. Algumas centenas de exemplares. Uma centelha naquela noite escura. Depois, e cada vez mais, com melhor acabamento gráfico, impressos, alcançando consciências, incentivando, mostrando, denunciando, evidenciando as mazelas do regime político e do sistema econômico, propondo questões polêmicas, chamando para o debate, enfrentando a incompreensão da indiferença, a intolerância do poder, o medo, legítimo, das gentes, como se fora um pequeno mosquito ferroando o couro duro daquele elefante que parecia invencível: a ditadura. E a pequena folha foi crescendo, até se tornar uma referência de luta no estado, na região, no país, no continente, no mundo, de onde vinham solicitações de assinaturas que se multiplicavam, apesar dos rigores da Censura e da pressão do arbítrio institucionalizado.

Grimaldo Zachariadhes, o autor do livro, vai às fontes, aos arquivos, analisa as fases, os episódios, entrevista os atores, avalia decisões e angústias, momentos de indecisão, sustos e temores, a determinação. O olhar simpático, participante, comprometido não o faz perder o sentido da nuança, o ângulo crítico na restituição da história de seu objeto de pesquisa.

Quatro partes constituem este interessante exercício crítico sobre a experiência dos Cadernos do Centro de Estudos e Ação Social/CEAS

Num primeiro capítulo (A Companhia de Jesus e o Apostolado Social), oferece-se uma apreciação geral do contexto histórico onde se abre, em perspectiva ampla, a história dos jesuítas no Brasil e o progressivo engajamento político de alguns dos padres da Companhia. Os zigzagues, o longo percurso de uma religiosidade tradicional, que pensa a vida mundana apenas como “passagem”, a uma outra visão religiosa que descobre as complexas relações entre fé e justiça social.

O segundo capítulo (A Cruz versus a Espada) já trata do Brasil em tempos de ditadura, e da contraditória evolução das relações da hierarquia da Igreja e das Ordens religiosas com o regime instaurado a partir de 1964. Da cumplicidade com o Golpe de Estado, traduzida no manifesto da Conferência Nacional dos Bispos Brasileiros/CNBB, de apoio, saudação e celebração da intervenção militar à lenta decantação e à progressiva conversão de muitos

à luta contra o regime e o sistema. Não foi uma mutação simples, nem alcançou a todos. Entre o pequeno núcleo de ativistas, como os que se reuniram no âmbito do CEAS, e os hierarcas que sempre foram generosos e indulgentes com a ditadura, um grande número que hesitou, que se dividiu, dando no cravo e na ferradura, não raro, e ao mesmo tempo, protegendo insubmissos e revoltados e agradando os homens do Poder.

Emblemático neste sentido é o estudo desenvolvido no capítulo 4 (Ou mudar de rumo ou mudar de diocese? O conflito do cardeal com o CEAS).

O cardeal, no caso, é Dom Avelar Brandão Vilela, arcebispo de Salvador, a Sé primacial do Brasil, no cargo desde 30 de maio de 1971, quando substituíra D. Eugênio Sales, transferido para o Rio de Janeiro.

As relações do cardeal com o CEAS, acertadamente consideradas pelo Autor como “complexas”, são emblemáticas de certas posturas e atitudes, comuns no Brasil de então. O prelado circula entre os militares e os civis que apóiam a ditadura, celebra missas comemorativas e não deixa de legitimar, com sua presença e orações, o regime instaurado. É um moderado. Ao mesmo tempo, no entanto, protege as atividades do CEAS da sanha da repressão, insurge-se contra arbitrariedades e conduz os conflitos no sentido da conciliação, evitando prisões e, no limite, a proibição ou o fechamento das atividades críticas ali desenvolvidas. Um aliado, segundo a memória dos próprios militantes que elaboravam e produziam os Cadernos do CEAS.

Moderado, chega às raias da cumplicidade com o regime. Aliado, defende, com sua autoridade, os críticos, não raro radicais, da ditadura. Nas suas mutações, D. Avelar, involuntariamente, exprimiu, talvez, atitudes e comportamentos típicos da sociedade brasileira dos anos 1970. Mais típicos do que muitos gostariam de admitir.

Deixei para o fim a análise do terceiro capítulo: Catolicismo e Marxismo, onde se analisa uma outra questão bastante complexa – a tentativa, empreendida por muitos religiosos no mundo e, em particular, na América Latina, no sentido de aproximar, ou mesmo integrar, marxismo e cristianismo. No contexto da Teologia da Libertação, tal movimento, para horror das tendências conservadoras da Igreja e de muitos fiéis, ganhou expressão e alcance, suscitando o debate sobre a compatibilidade entre estas duas concepções de vida, da história e do mundo.

A verdade é que os desafios da Política, da ação política, em particular, e do enfrentamento com os regimes ditoriais aproximaram muitas vezes marxistas e cristãos, sobretudo

aqueles que passaram a ter da religião uma concepção inovadora, sintonizada com o *aggiornamento* da Igreja, desfechado a partir dos anos 1960. Entre os marxistas, também houve revisões, como a que tendeu a considerar superada a histórica idéia de que a religião, necessariamente, seria o *ópio do povo*.

No âmbito do CEAS forjou-se uma aliança, na prática, dada pelas exigências da prática política. Nas elaborações sobre a sociedade e sua história muitos cristãos incorporaram categorias de análise marxista. Mas não se sabe, o livro não nos diz, de que forma os marxistas foram capazes de incorporar valores cristãos. Uma aliança de mão única? E até que ponto, no plano das concepções, seriam realmente compatíveis marxismo e cristianismo. Um debate em aberto.

Como em aberto ficam muitas outras questões e esta talvez também seja uma das principais virtudes do estudo de Grimaldo Zachariadhes. A de ter formulado uma pesquisa aberta à controvérsia, com o senso da nuança, da complexidade, uma homenagem que o Autor presta à história do CEAS, uma bela história de resistência democrática.

Daniel Aarão Reis

Professor de História Contemporânea

Universidade Federal Fluminense/UFF

Palavras-chave

Religião, política, ditadura, democracia